

A missa do Gallo no mar gelado.

VIAGENS AO MAR GLACIAL

I

As viagens são os romances dos philosophos — disse, com sentenciosa concisão, o maior sabio da Gram-Bretanha.

Poderosos auxiliares da sciencia tem sido sempre os viajantes; e nem o mundo fôra bem conhecido, sem o depoimento d'estas testimunhas de vista. Por isso as relações de viagens são sempre de aprazivel e instructiva leitura, porque saciam a natural curiosidade do homem; e é dever de gratidão divulgar e bemquistar entre o povo, os nomes dos que se arriscam por mares perigosos e climas insalubres, para nos darem a conhecer as paragens do nosso globo ainda não descobertas, ou não bem estudadas.

Somos descendentes dos mais ousados navegantes e descobridores que tem tido o mundo; por isso nos corre ainda mais apertada a obrigação de propagar a fama dos que seguem as pisadas de nossos avós.

Ainda mal, porém, que quasi nenhum dos modernos viajantes faz lembrança dos portuguezes que os precederam nos trabalhos, e na sorte fatal que muitos d'elles tem tido.

Lendo ha pouco a relação, recentemente publicada, da viagem do capitão Clintock aos confins boreaes da America, com o intento, por tantas vezes mallogrado, de descobrir alguns restos da expedição de sir John Franklin, que perecêra no gelo d'aquelles mares, notámos que em tão minuciosa relação nem sequer se mencionam os portuguezes que, antes de Franklin e de todos os mais, fomos os primeiros que tentámos romper os gelos polares, para achar o estreito que communica o oceano Atlantico com o Pacifico, sendo o nosso infeliz argonauta Fernão de Magalhães quem poz o nome por que é conhecido este mar!

Ainda mais. Se os inglezes ha tres seculos porfiam n'esta tentativa, nós os portuguezes, só n'um seculo, o XVI, enviámos quatro expedições áquellas perigosas paragens, chegando até 72 graus de latitude boreal. A primeira foi a de Gaspar Corte-Real em 1500; a segunda d'este mesmo, no anno seguinte; a terceira de um irmão d'este viajante em procura d'elle, ficando lá ambos perdidos; e a quarta por mandado d'el-rei D. Manuel em busca d'estes dois Cortes-Reaes, com instrucções para explorarem aquellas costas até ás mais elevadas latitudes. E isto, segundo o auctorisado testimunho do fallecido visconde de Santarem, não é tão desconhecido ao mundo, como se deprehende do silencio dos viajantes estrangeiros, porque está consignado n'uma obra italiana contemporanea, que se publicou em 1507, onde o representante da republica de Veneza em Lisboa affirma ter visto os esquimaes, ou esquimaus, que o referido Gaspar Corte-Real trouxera para apresentar a el-rei D. Manuel.

O visconde de Santarem trabalhou muito para reivindicar esta prioridade dos viajantes portuguezes,

colligindo todas as cartas antigas, nas quaes achou a nomenclatura hydrographica portugueza, que os inglezes depois foram substituindo sorrateiramente pela sua. Esta obra contava elle publicar á parte; mas julgâmos que a deixou inédita entre os apontamentos e documentos para a continuação da sua *Cosmographia* e *Cartographia*, de que imprimiu tres tomos. Fôra bom que se tratasse de ver se elle a deixou em termos de se dar á luz.

Sobre a nota do sr. visconde de Sá da Bandeira, a respeito do atlas de Fernão Vaz Dourado, que transcrevemos no antecedente numero, teve s. ex.ª a benignidade de nos declarar, em carta que acabâmos de receber, o seguinte:

«....... não me lembra haver jámais contribuido com artigo algum para os almanaks d'aquelle auctor (o sr. Castilho Alexandre).

Quanto ao atlas de Vaz Dourado, dei d'elle uma breve noticia, que foi publicada na *Folhinha da Terceira*, para o anno de 1832, onde se nota que o dito atlas fôra feito em Goa, no anno de 1570. [1]

Foi em 1826 que na Cartuxa vi o atlas; e a noticia redigida quando n'aquella ilha nos achavamos bloqueados: foi escripta sem que á vista tivesse documento algum; e por isso póde n'ella haver erros de memoria.

Assim, quem quizer fazer algum trabalho proveitoso sobre o mesmo atlas deverá pessoalmente proceder aos exames necessarios»

....

Para este numero já os não podemos fazer, mas contâmos no seguinte dizer alguma coisa a este respeito.

Tornando agora aos descobrimentos modernos de que estavamos tratando, e antes de ir adiante, cumpre saber-se que temos á vista seis relações de viagens ao polo arctico, principalmente das que alli se enviaram para saber o que fôra feito da do desventurado Franklin, e nem palavra, em nenhuma d'ellas, a respeito das tentativas dos portuguezes, nem das denominações que alli deixámos!

Embora. Façamos o nosso dever, dando noticia do que tem passado, n'aquellas inhospitas regiões, os intrepidos exploradores inglezes e russos.

Por nos ficar mais á mão, e ter uma boa gravura, fallaremos hoje da viagem do almirante Wrangel ao mar Glacial.

As viagens do barão de Wrangel, almirante russo, ás costas do mar Glacial, são tidas pelas mais curiosas de todas quantas se tem publicado desde a entrada d'este seculo.

Começa elle por transportar o leitor a regiões quasi inhabitaveis, raras vezes visitadas por viajantes europeus, onde vivem, luctando com a fome, e com o mais atroz clima do mundo, povos de quem poucas vezes se falla. Depois refere tudo quanto alli observou com o cunho da verdade e authenticidade que a sua commissão lhe imprime.

Official distincto da marinha sueca, Wrangel, hoje ao serviço da Russia na patente de almirante, foi encarregado pelo imperador Nicolau de rectificar a geographia das costas do mar Glacial, e levantar uma carta exacta, desde o estreito de Waigatz até ao de Behring, obra que elle concluiu em tres annos.

Custa a acreditar, lendo-se o relatorio dos perigos e trabalhos que passou a expedição commandada por este almirante, como haja homens capazes de supportar similhantes fadigas. Não menos custa a crer como haja povos que se obstinem a viver em tal clima.

Uma das mais interessantes narrativas d'esta viagem, é a em que elle conta, com todos os visos de sinceridade, o que lhe succedeu durante a sua residencia em Nijne-Kolymsk, cidade que fica a uns 130 kilometros ao norte do circulo polar.

Esta cidade tem o seu ostrog, que é uma especie de forte, de estacada e taipa, sem artilheria, tendo hasteada a bandeira russa, que iça nos dias de gala. É este ostrog a residencia do governador, official subalterno, cossaco, o qual tem ás suas ordens uma dezena de cossacos sibericos, muito mal fardados e sordidos.

Esta guarnição serve unicamente para a Russia mostrar que tem auctoridade constituida entre os ostiaks, e prestar-lhe esta pobre gente, curtida pelo rigoroso clima da Siberia, e fallando russo, auxilio n'alguma commissão do governo enviada áquellas paragens, como, por exemplo, esta do almirante Wrangel.

Posto que a população de Nijne-Kolymsk não seja numerosa, tem a sua aristocracia. E onde é que a não ha? São estes magnates que o governador convida nos dias de recepção no ostrog.

O almirante Wrangel conta, que sendo convidado para um sarau dado por certo aristocrata de Nijne-Kolymsk, chegada a hora do chá, serviu-se a todos em grandes chavanas, oleo de phoca morno, e uns bolinhos de sebo de rangifero [1], que o almirante teve de tomar heroicamente, para não escandalisar o dono da casa, se casa se póde chamar áquella em que se dão taes vomitorios ás visitas. Estes e outros similhantes usos d'aquella gente são lidos com muito gosto no original, que nos dizem estão contados com muita graça gelada á russiana.

O almirante amplia mais ou menos o que outros viajantes do oceano Polar tem referido, desde que se repetem as tentativas para rectificar as noções, ainda incompletas, d'aquella parte do mundo.

O que porém elle affirma com segurança, é que se póde viajar agradavelmente sobre o mar Glacial por 35 a 45 graus centigrados abaixo de zero! O rigor de similhante frio supporta-se muito bem, trazendo tres vestuarios de pelles. Isto tem, comtudo, o inconveniente de obrigar os indigenas a andar constantemente com os braços estendidos, impossibilitando-lhes a posição natural. O almirante Wrangel ao principio não percebia porque os ostiaks, mesmo quando andavam com os fatos de verão, traziam os braços estendidos; só depois é que lhe disseram ser habito contrahido durante o inverno, que alli é quasi todo o anno.

Nota com encarecimento, este viajante, o silencio que reina em todas as regiões polares, o que não deixa de inspirar um certo encanto melancolico. Porém, este socego nem sempre se desfructa, porque quando o vento se levanta, tolda-se o ar com turbilhões de neve reduzida a pó impalpavel, phenomeno que a lingua siberica exprime por uma onomatopéa. Chamam a estes turbilhões, formados pelo vento, «tchoundras».

Muitas vezes o viageiro se transvia cégo pela poeira gelada dos «tchoundras», e succumbiria se não fôra o admiravel instincto dos cães da Siberia, sobre os quaes falla o almirante com muito louvor. Posto que os rangiferos, ou veados, habitem em numerosos rebanhos as regiões polares, os naturaes do paiz não tem sabido domestical-os, para os jungirem aos trenós, como fazem os lapões. O unico animal domestico dos ostiaks é o cão; d'elles formam cinco a seis parelhas para puxarem as «nartas», nome dos trenós sibericos. Durante os maiores frios do inverno, é necessario trazer os cães muito bem calçados com botas de pelle, sem o que os pés d'aquelles animaes regelam a ponto de não poderem dar passo. Todavia, este calçado não os impede de caminharem 18 a 20 kilometros por hora.

[1] Provém o nosso engano, do sr. Alexandre de Castilho a haver transcripto no Almanak, sem citar a fonte.

[1] Especie de veado do norte.

O mais notavel predicado do cão da Siberia é a sua obediencia, não já aos donos, mas a um dos seus companheiros, que não vae jungido, mas caminhando sôlto adiante do ternó para o guiar.

O almirante Wrangel refere na sua viagem um caso que merece ser commemorado.

Caminhava elle na sua narta pelo mar Glacial, quando os cães deram na pista de um lobo, e deitaram a correr com tal velocidade, que tombando o trenó e rebentando os tirantes, em poucos minutos os cães desappareceram no horisonte.

Wrangel confessa, que n'aquelle momento suppoz não voltaria mais para bordo da sua nau almirante, fundeada na bahia de Cronstadt. Perdido no meio dos turbilhões de neve, longe da sua comitiva, via pouca probabilidade de salvação, quando passado quasi uma hora, voltou o cão-mór, ou guia, com as parelhas. As fauces ansanguentadas dos cães provavam que tinham alcançado e devorado o lobo, causa da sua fuga. O guia d'estes obedientes animaes, acabado que foi o banquete que lhes deparou o lobo, teve o instinctivo de os trazer, não para a comitiva de ostiacks que acompanhavam o almirante, mas directamente a elle, para retomarem o trenó a que iam atrelados. Foi este mesmo fiel animal que depois de recomposto o trenó o dirigiu para a comitiva, cuja paragem ignorava o almirante.

Durante esta viagem sobre as ondas solidificadas do oceano Polar, foi que o almirante fez alto no dia de Natal para celebrar a festa do nascimento de Christo, conforme o rito grego. Este acto religioso é o que a nossa estampa representa.

É edificante ver o fervor religioso d'estes intrepidos navegantes, prostrados de joelhos, forrados de pelles até aos olhos, com as mãos erguidas, entoando canticos de alegria pela natividade do Salvador da humanidade, longe da patria e da familia, sobre as aguas do mar geladas, supportando um frio cuja intensidade se não podia medir, porque o mercurio de todos os thermometros se havia congelado!

O almirante Wrangel durante os tres annos da sua viagem pelas costas do mar Glacial perdeu poucos homens da tripulação; apenas uma vez esteve elle com toda a sua comitiva a ponto de morrer á fome, victima da sua commiseração para com uma pobre tribu de ostiacks. Tendo repartido os seus viveres com estes infelizes, que acaso encontrou a expirarem por falta de alimento, chegou ao extremo de tambem lhe faltarem os mantimentos; e se felizmente não chegasse a um ostrog, aonde achou alguns comestiveis, teriam todos perecido á fome.

Acontece todos os annos morrerem muitas familias ostiacks, cujo sustento depende exclusivamente das eventualidades da caça e da pesca, que muitas vezes lhes falham. A pesca não tanto, porque o peixe sêcco dura de um anno para o outro, e é esta a principal alimentação dos sibericos do norte, e dos seus cães. Mas a caça muitas vezes não lhes apparece. O rangifero na Siberia viaja continuamente, mas não tem itinerario certo. Os ostiacks embuscam-se durante o estio á espera da passagem dos bandos d'estes veados pelos rios. Dentro de canoas os esperam, e se conseguem caçal-os tem provimento para todo o anno; mas se, pelo contrario, os rangiferos atravessam os rios da Siberia em pontos que os caçadores não tem previsto, ficam sem carne para todo o anno.

Com quanto o almirante Wrangel não seja naturalista, e a exploração da historia natural da Siberia não fosse comprehendida na sua commissão, contém a sua viagem excellentes estudos sobre as florestas de arvores resinosas, cuja altura decresce á medida que se aproxima do polo, e ao norte do circo polar se reduzem a moitas de laricios, até que de todo desapparece a vegetação.

O pinheiro laricio, n'estas latitudes, não é a elegante arvore pyramidal que povoa as abas das montanhas nos paizes temperados; é uma arvoreta de tronco torcido, que poucas vezes excede a altura de um metro, e que, sem estes caracteres botanicos, não seria reconhecida. Dos vegetaes uteis ao homem, só se encontra na Siberia, para o lado do norte, o morangueiro. O almirante e a sua gente saltaram de alegria, quando n'um dia encontraram de improviso, n'uma encosta voltada ao meio-dia, uma virente alfombra de morangueiros, cujos fructos estavam perfeitamente maduros. Era no estio, cuja duração na Siberia não chega a dois mezes.

Em todo o curso da sua narrativa, o almirante russo communica ao leitor as suas mais intimas impressões, sem occultar a desanimação que por tantas vezes o accommetteu, mas de que elle triumphou heroicamente.

Poz Deus no paraiso a Adão, e deu-lhe para seu regalo o fructo de quantas arvores tinha aquelle mar de plantas, aquelle ceo de flores, bosque de suavidades e corte das frescuras. Vedou-lhe, porém, com pena de morte, o fructo da arvore da sciencia do bem e do mal.

Sem embargo d'isto, em Deus virando as costas, como cá dizemos, foi Eva conversar com o demonio; e como de tal conversação se não tira outro fructo, lançou Eva mão ao pomo vedado, provou com Adão, e peccaram ambos. FR. ANTONIO DAS CHAGAS

SUPERSTIÇÕES E ABUSÕES POPULARES

(Vid. pag. 212)

«Entre em primeiro logar um caso succedido em uma aldeia nossa, por nome Maruiri, em S. Paulo, no anno de 1624, em presença de muitos religiosos nossos, do capitão da dita aldeia, que era portuguez, e de muitos indios que intervieram, e foi assim. Teve noticias o dito capitão, por via de um feiticeiro maior que sabia os feitiços dos outros, que toda a aldeia estava minada d'elles; descobrindo-lhe os malfeitores e os logares ou as casas dos indios, e tambem as casas dos padres, até do proprio superior. Deu conta do negocio o capitão ao padre superior, e chamado o feiticeiro-mór, ratificou tudo o que dissera, e declarou todos os feitiços e circunstancias d'elles, distinctamente, como se elle mesmo os fizera. Vieram logo a juizo os malfeitores accusados, que eram tres, complices das maldades, e todos elles carijós, trazidos pelo padre João de Almeida na missão em que andava. E postos a perguntas, não poderam negar a verdade; antes reconhecendo a superior sciencia do feiticeiro-mór, que os descobrira, pediram perdão, e prometteram desfazer os feitiços. Assim o fizeram, porque logo em presença de todos foram mostrar e abrir as covas que tinham feito na sala, sacristia e cozinha dos padres; e particularmente em certo logar onde o superior costumava passear, que todas estavam cheias, umas de cascas de aipin, e outras raizes que costumavam comer os padres; outras de certas conchinhas similhantes a olhos, que chamam *etans;* outras de ossos de aves, e outras de coisas similhantes. As conchinas, configurando capellas d'olhos, confessaram os ditos feiticeiros haverem mettido alli para fazeram cegar o padre Sebastião Gomes, como com effeito cegára, e cego estava havia quatro ou cinco annos. Perguntados a que fim cegaram o padre, responderam, que para que nun-

ca dissesse missa, porque assim o queria o diabo. E perguntados se tinha remedio, responderam que não, porque estavam já gastas as conchinhas, por haver tempo que estavam na terra. A graça foi, que descobrindo-se outra cova, eis-que vê o padre superior, que estava presente, que tiravam de dentro uma orelha da mascara que elle tinha feito em certa festa, e os aparos de uma taboinha que tinha cepilhado havia um mez! Aqui se lhes mudou o rosto de côres, signal, entre elles, que eram feitiços para lhe fazer mal; mas como estavam frescos, ainda tiveram remedio estes e os demais, lançados todos na corrente da agua de um rio, que é o meio com que ficam frustrados.

Não se aquietou com isto o prudente superior, e como sabia mui bem ser costume dos ditos feiticeiros, fazerem similhantes feitiços debaixo das camas dos que querem enfeitiçar, esconjurou-os, se tinham feito no seu cubiculo feitiços ou não? Ao que elles contestemente responderam que não; porque, querendo entrar pela janella para o dito fim, o seu negrinho lhes dissera que não podia entrar dentro com elles, porque era logar onde os padres faziam oração; e como sem ajuda do dito negrinho nada obravam, foram fazer os ditos feitiços no logar onde achára a sua orelha. E fallaram verdade; porque, cavando-se no cubiculo altura dobrada da dos outros feitiços, nada se achou. Parece que ficou a prohibição a este diabo negrinho d'outro caso similhante mais antigo, que aconteceu no reino da Sicilia, na cidade de Palermo, aonde certa feiticeira afamada n'aquella terra, tentou entrar pelas janellas dos cubiculos da casa professa, que alli tem os padres da companhia, acompanhada do demonio, que em figura de um carneiro a levava ás costas; porém, ao entrar da dita janella, ficou parado o carneiro diabolico; e perguntado da feiticeira pela causa, respondeu que aquelle coxo (que assim chamava a Santo Ignacio) lhe prohibia a entrada; e foi causa esta da conversão da dita feiticeira, que de tão grande peccadora se fez publica prégadora, n'aquella cidade, das virtudes do patriarcha Santo Ignacio.

Outros casos vi com meus olhos, e experimentei com minha presença. Na cidade do Rio de Janeiro fui confessar por diversas vezes a uma mulher nobre, a quem uma india sua, carijó de nação, tinha enfeitiçado na fórma sobredita, e os effeitos eram estes: Que sentia dentro do estomago abrazar-se em fogo, e atravessarem-lhe as entranhas como com espinhas; e tudo isto affirmava que tinha em si, e como tal não podia comer, nem dormir, nem socegar. Ia por horas definhando e acabando a vida. Prendeu-se a carijó, e depois de algum tempo confessou o delicto, e pretendeu dar o costumado remedio, de mostrar e desfazer as coisas. Cavou-se a terra debaixo da cama da senhora, e todo o espaço da dita cama se achou minado das covas sobreditas. Abertas ellas, se acharam dentro repartidamente os ditos carvões, ossos, espinhas, assim e da maneira que a pobre senhora os padecia em suas entranhas. Tiradas estas sevandijas das covas, ficou alliviada, como se da mesma maneira lh'as tirassem então das entranhas, e sem dor nem inchação alguma. Mas como as obras do diabo não podem ser perfeitas, assim o não foi esta, por ser sua; porque, tornando eu a visitar a pobre doente no dia seguinte, achei que estava gritando com as mesmas dores, e com a mesma inchação como de principio. E a causa foi, porque tinha dito o diabo á feiticeira, que, desfeitas as covas em terra sôlta, esta se havia de lançar em agua que corresse; e como esta advertencia faltou, no mesmo dia á tarde, em que se abriram as covas, lançando a terra em certas tinas, para no dia seguinte se levarem em carros ao rio, de noite nas proprias tinas tornou o diabo a formar as covas com todos os petrechos sobreditos, e por conseguinte tornou a pobre mulher a luctar com as mesmas ancias da morte. Imputou a feiticeira o successo á negligencia dos que intervieram. Mas quando quiz dar novo remedio, acabou a senhora com a vida, e a feiticeira não viveu depois d'isto muitas horas; que este pago costuma dar o diabo a quem o serve.

Na mesma cidade corri com a confissão, em doença similhante, de um homem cidadão, a quem outra india carijó tinha na mesma fórma enfeitiçado e consumido com seccuras, fogos e pontadas de todo o corpo sem socegar. Presa a carijó, confessou o delicto, mostrou os feitiços na mesma fórma sobredita, declarando os effeitos de cada um d'elles; os carvões para fazerem fogos e seccuras; certas pontas de frecha para fazerem pontadas; certos pedaços de cortiça para fazerem seccuras, etc. E tudo isto eram coisas que o pobre do enfermo tinha manuseado. Porém foi tarde a applicação do remedio, e acabou a vida. Além d'este modo, que é o mais ordinario, lhes ensina outro o diabo a estes seus amigos. Mette-lhes muitas vezes na mão um sapo ou cobra, ou outro bicho similhante e asqueroso. Este toma o feiticeiro, e ata-o ao pé de qualquer arvore; e assim como o bicho, por falta de mantimento necessario, váe desfallecendo, perdendo as forças e morrendo, assim tambem aquella pessoa, por quem se applica o feitiço, se váe seccando e consumindo com excessivas dores até acabar a vida.

UM BANQUETE NO IMPERIO DO PRESTE JOÃO

É honrada e patriotica a ufania que temos, de vêr confirmadas pelos navegadores e missionarios estrangeiros do presente seculo, as chronicas dos nossos descobridores e frades do seculo XVI.

Embora os não citem, vê-se que até os copiam, alguns.

Lendo ha pouco as viagens do inglez Mansfield Parkyns ao interior da Abyssinia ou Ethiopia alta, verificámos quão exactos e minuciosos foram os auctores portuguezes que escreveram, primeiro que ninguem, d'aquelle imperio do tão celebrado Preste João.

Tres obras, e todas classicas, temos nós a respeito da Abyssinia especialmente.

A primeira do Padre Francisco Alvares: *Verdadeira informação das terras do Preste João*, folio gothico, publicado em 1540, e que mereceu ser traduzida em allemão, francez, italiano e hespanhol, com repetidas impressões, que todas metteu já no thesouro que nos está cumulando no seu *Diccionario Bibliographico*, Innocencio Francisco da Silva. E livro rarissimo, e que já vale 5 libras.

A segunda é de D. João Bermudes, patriarcha da Ethiopia: *Relação da embaixada... do imperador da Ethiopia, chamado vulgarmente Preste João, ao christianissimo rei de Portugal D. João* III *etc.* 1552. E das obras mais raras e menos conhecidas que temos em portuguez.

A ultima é do chronista da companhia de Jesus, Balthasar Telles: *Historia geral da Ethiopia a Alta, ou Preste João.* 1660. É tambem livro raro, e custa já 3 libras.

De todas estas obras havemos dar alguns extractos para se confrontarem com o que diz o moderno viajante Mansfield Parkyns, que viveu tres annos entre os abexins.

Ouçamos primeiro como elle descreve o banquete a que assistiu, e representa a nossa estampa.

As mesas em que os abyssinios comem são de madei-

ra, mui toscas. Quando ha banquete, juncam o chão de hervas, e sobre ellas põem mesas de varias classes e tamanhos, tendo cuidado de pôr sempre a mais alta perto d'onde costuma sentar-se o dono da casa. Estas mesas, porém, são mui baixas, isto é, d'altura conveniente para uma pessoa sentada no chão chegar a ellas, visto que no paiz não se conhecem cadeiras nem bancos.

Posta a mesa, servem os criados o pão, em grandes cestas que trazem á cabeça; e se o pão é cozido em casa, põem o de inferior qualidade por cima, e o melhor por baixo, ou então cada qualidade em sua cesta. Em todo o caso, o melhor pão se põe na mesa de sorte que fique mais á vista. Succede muitas vezes, por haver muitas concurrencia, ser necessario ir-se pedir pão emprestado aos visinhos; n'este caso, antes de ir por elle, o comprador examina cuidadosamente as cestas em que o trazem. Em regra, serve-se primeiro o pão branco, depois o de cevada, e por ultimo o de mistura (*tef*).

Á esquerda de cada pessoa se põe uma pilha de oito ou dez dos taes pães, quando a reunião é numerosa; porém, em casa do rei tem cada pessoa vinte ou trinta. Esta disposição é porque as pessoas mais nobres são as que se sentam primeiro, e comem do melhor pão, as que se lhe seguem em categoria servem-se depois, e comem do pão de segunda qualidade; e assim successivamente, até deixarem o peor para os criados e amigos pobres. Estes pães é que servem de guardanapos, pois a elles



Um banquete no imperio do Preste João.

limpam os convivas os dedos o os beiços quando os mancham com o môlho ou o sangue da carne crua. Comtudo, isto não enoja nem tira o appetite aos que tem de o comer depois.

Estando presentes todos os convidados, se começa a dar assento ás pessoas mais auctorisadas, collocando-as segundo a sua classe. Quasi sempre ha muitos comprimentos e recusas de parte a parte; mas acabadas estas ceremonias, sentam-se todos muito calados. Logo depois entram as cozinheiras com os guisados, recebendo cada uma seu pedaço de pão ensopado no môlho do prato que se tem servido. As iguarias põem-se na mesa, segundo a sua qualidade; e logo o trinchante (*assalafy*) toma um pedaço de pão de cada conviva, ensopa-o no môlho e afferece-lh'o. Tambem se dá aos convidados a carne partida com a mão em bocados regulares; e n'isto tambem ha grandes attenções, dando-se a fevera a uns, e a pelle e os ossos a outros.

Uma das singulares maneiras dos abexins obsequiarem os convidados, é fazerem do pão, ensopado no môlho, umas bolas que mettem na boca do que lhe fica ao lado. De sorte que se qualquer estrangeiro, ou pessoa de distincção, tem a desgraça de ser convidado para algum banquete de ceremonia, estão-lhe sempre a metter na bocca aquellas provas de estima, ou mordassas nojentissimas, e tanto a fio, que mal tem engulido uma d'aquellas bolas, e já outra lhe está a entrar pela bocca dentro!

É de notar que taes bolas custam muito a supportar na bocca a quem não está costumado, porque vão cheias de pimenta; e se o padecente sentir empollarem-se-lhe os beiços ou o ceo da bocca, não póde pedir agua, por ser entre os abexins grande incividade beberem agua antes de acabar de comer.

A nossa estampa mostra um dos convidados a metterem-lhe uma das taes bolas na bocca, e o seu visinho já com outra feita, á espera de vez para lh'a embutir.

Em quanto se come o primeiro prato, ordinariamente de carneiro, é que se mata a vacca, e cada criado vem servil-a assim quasi palpitante, trazendo nas mãos os pedaços já divididos. Os melhores levam-se ás mesas de mais categoria, onde se acha sentado o dono da casa e os convidados de maior consideração.

Em geral, cada posta de carne crua é para cinco ou seis pessoas, entre as quaes ha sempre muitos

cumprimentos sobre quem ha de ser o primeiro a servir-se, até que, findas as ceremonias, o que foi preterido péga na posta, segura-a por uma parte, e seu visinho pela outra, tira do alfange e corta com a mão esquerda um pedaço mais tenro, servindo-se os mais do mesmo modo. Depois deitam sobre o pão um môlho de pimentões a que chamam *dilik*, e n'elle vão temperando a carne, cortando-a com os dentes aos bocados, até a devorarem de todo.

Acabada a comida, entram os criados com um jarro de cerveja, ás vezes tamanho que um homem não póde com elle. A bocca d'este jarro vem tapada com um panno muito bem atado, para não lhe cair dentro algum corpo estranho. Um dos criados serve de escanção [1], e dando um golpe no panno, váe deitando a cerveja nos chavelhos que servem de copos aos convidados. O jarro tem uma cavidade para aparar as gotas que vão caindo quando se enchem os copos, e estes escorralhos pertencem ao criado que anda dando aviamento aos convidados. Para isto entende-se com o escanção, a fim de lhe ficar um copo de cinco ou seis que enche.

O primeiro chavelho é tambem para o criado que os traz e destribue, e só depois d'este beber é que se enche para o dono da casa, e para todos os que estão á mesa. Mas ainda assim o criado, antes de servir esta bebida, deita uma gotta na palma da mão, e bebe, saboreando-a, para mostrar que não está envenenada. Apesar d'estas precauções o rei actual, Dejatch Oubi, nunca bebe sem deitar um pouco de cerveja no chão, revolvendo o copo para deitar fóra o veneno que houvesse nas bordas. Alguns mais medrosos bebem só dois terços, e dão o resto ao criado, que o deita abaixo de um sorvo. Mas não põe o copo á bocca, levanta-o sobre a cabeça e entorna-o lá de cima, com toda a limpeza.

Esta operação tem seu risco, porque se o criado não é destro n'este modo de escorropichar, póde engasgar-se e até afogar-se, ou pelo menos ennodoar o fato. Os que querem manifestar preferencia a algum criado, deitam-lhe um pouco de cerveja na mão, que elle leva logo á bocca por vaidade; porém se o rei lh'a deitar, o criado ou qualquer outra pessoa não se atreverá a beber, sem da mão a passar para o copo.

O rei Oubi quasi nunca falla á mesa, e por acenos é que dá ordens aos criados. Os officiaes da sua casa, e até seus proprios filhos, estão em pé encostados á parede, em signal de temor e respeito a sua real magestade, que não permitte se sentem na sua presença. Quando tem convidados, Oubi é que faz signal com o dedo aos criados, para lhes indicar as pessoas a que hão de servir pão, carne, vinho, etc.

EXTRACTOS DE UM LIVRO INÉDITO

(Vid. pag. 151)

CASA ONDE FALLECEU O GRANDE POETA PORTUGUEZ ALMEIDA GARRET

O quarto immediato á sala destinava-se para a ex.ma filha do poeta; mas não se tinha mobilado ainda. Continha apenas um espelho de vestir e varias cadeiras. O chão estava nú, as paredes eram estucadas de branco, bem como o tecto. D'este quarto passava-se á casa de jantar.

Esta é quadrilonga; tem duas janellas que deitam para o jardim, duas portas, correspondendo ás janellas, uma das quaes diz para o quarto e a outra para o corredor principal. Além d'estas ha ainda outra porta que dá passagem para a copa.

O chão da casa de jantar, bem como o do corredor, era pintado em arabescos, fingindo oleado, e envernizado. As paredes estucadas, com fundo côr de ervilha, e listas de alto a baixo de uma côr mais aberta. O tecto de estuque branco, e um florão ao centro no meio de uma elegante cercadura de flores. As janellas estavam armadas, com muita simplicidade, de cortinas de caça branca, apanhadas aos lados com grossos cordões da mesma côr.

Ao meio da sala havia uma banca de jantar, elastica, feita de um pé só com quatro garras. Fechada, accommodava dez a doze pessoas, e aberta cincoenta.

Duas cantoneiras hamburguezas, com armarios em baixo e pedras de marmore por cima, serviam de aparadores. Uma duzia de cadeiras com assentos estofados, cobertos de marroquim encarnado, completavam a mobilia, que era toda de mogno. Algumas pinturas a oleo ornavam as paredes, mas não estavam alli collocadas definitivamente, porque nem todas eram apropriadas para o logar. Esperava-se, quando para lá foram, que o doente melhorasse para dizer onde as queria.

A copa fica entre a casa de jantar e a cozinha. É uma casita insignificante com quatro portas, uma em cada parede; a que dá para a sala de jantar fica fronteira á da cozinha, e em frente da que vác do corredor está a que dá serventia a toda a casa para a banda do jardim.

Na copa estavam, provisoriamente, os seguintes objectos:

Uma banca ingleza, facil para se transportar de uns para outros quartos; quatro cadeiras, sendo duas de coiro de Moscovia estampado em côres, e duas de mogno; uma talha feita de quatro pedaços de marmore de Italia, de côr cinzenta, com duas torneiras do metal a que se dá o nome de *cobre de Macau*. Na tampa, tambem de marmore, havia uma argola do mesmo metal. Dentro da talha havia uma excellente pedra de filtrar, que tornava a agua deliciosa.

O derradeiro movel, digno de menção, que estava ainda na copa, era uma guarda-roupa de pau santo com embutidos. Durante a doença do poeta os seus criados roubaram-lhe d'alli todo o fato, menos um par de calças!

Nenhuma providencia se tomou para punir os culpados, apesar das minhas reclamações quando achei a guarda-roupa devastada. Eu não podia vigiar os criados, apesar de os suspeitar pouco fieis; o doente não me deixava afastar do seu lado quando estava acordado, e dormia raras vezes e poucos minutos. A responsabilidade d'este furto deveria recair sobre aquelles que, devendo e podendo tomar a iniciativa em casa do poeta moribundo, se escusavam obstinadamente a isso, por puro egoismo, e para não se incommodarem. Este roubo seria sem duvida de pouco valor; mas quem poderá affirmar que outros de maior importancia se não commetteram, ficando todavia ignorados? Quantas vezes o ruido da porta da rua (a que váe ter á rampa do jardim), que se abria cautelosamente alta noite, chamou a minha attenção e deu fundamento ás minhas desconfianças! Tanto se repetiu esse facto, que tomei a deliberação de visitar todas as noites aquella porta, pela volta das onze horas; e apesar das minhas mais severas ordens rara foi a vez que não achei o trinco em falso, para se poder entrar ou sair sem ser presentido! Os refinados velhacos que serviam a casa perceberam muito cedo que o dono d'ella estava condemnado, que a filha era ainda muito moça para tomar sobre si os encargos da familia, e que eu não era assaz competente para os punir dos abusos que praticassem. O mais que eu pude conseguir com a minha vigilancia e severidade, foi adquirir para mim o seu odio. Ninguem me agradeceu o zelo, ninguem o soube, talvez, e se ouso ago-

[1] O que deitava o vinho e a agua nas mesas antigas.

ra fallar n'elle não é para que m'o louvem; é para protestar, mais uma vez, contra a indifferença dos que deviam coadjuvar-me, e que o não fizeram, apesar das minhas instancias.

Quando eu disse nas *Notas* de um livro [1] que o visconde de Almeida Garrett se víra quasi abandonado em seus ultimos momentos, prometti, que em outro logar e occasião, daria mais ampla publicidade a esse facto, sem medo de ser desmentido. Faço-o agora, não para aggravar as circunstancias dos que em sua consciencia se julguem culpados de similhante falta, nem para tirar maior vangloria dos serviços que tive a ventura de prestar ao illustre poeta moribundo; ratifico a verdade da historia. Os que forem feridos por ella não accusem o historiador, que só mentindo poderia lisonjeal-os.

Quando affirmei que o doente não tinha quem lhe levasse uma chavana de caldo, não exaggerei nada. Já fica dito mais atrás o motivo porque me decidi a não desamparar a sua cabeceira, e accrescentarei aqui «que antes de eu ter pedido a assistencia das irmãs da caridade, me via obrigado a ir á cozinha muitas vezes ao dia, e nem assim se conseguia sempre ter a gallinha ao lume». Passavam-se ás vezes oito e dez horas sem que o misero enfermo tivesse o caldo que não cessava de pedir, mas em vão, á desalmada criada que o servia! Era necessaria a minha vinda para impedir que esta desaforadissima mulher saisse sem dar parte, ou tratasse das suas coisas, do seu jantar e do dos outros criados, em logar de tratar do amo, que se finava á mingoa!

Tem razão as pessoas a quem isto pareça incrivel. Eu tambem duvidaria se não fôra um dos personagens da historia que estou contando.

Custa a crer que o visconde de Almeida Garrett, par do reino, ministro de estado honorario, carregado de gram-cruzes, e de titulos academicos, com uma reputação litteraria difficil de egualar e impossivel de exceder, produzindo livros cujas edições se esgotavam rapidamente, servindo empregos que lhe davam meios para uma abastada subsistencia, custa a crer, que este homem tão justamente celebre tivesse momentos de tamanho desamparo, que, não duvido affirmal-o, soffreria a fome com a doença, se não fosse o amigo obscuro que traça estas linhas!

É comtudo verdade.

Pela descripção que tenho feito da sua habitação, vê-se que lhe não faltava o luxo, o conforto, e até uma certa grandeza no seu modo de viver. Por occasião da sua morte encontraram-se-lhe trezentos ou quatrocentos mil réis em dinheiro. Creio que lhe não faltariam amigos capazes de velar ao seu lado; parentes extremosos, que além do natural affecto se honravam com a celebridade do seu nome; uma filha idolatrada, na idade de treze para quatorze annos, na edade em que o coração começa a abrir-se aos maiores e mais generosos sentimentos, em que se principia a saber amar e reconhecer os cuidados dos que primeiro nos amaram: com estes elementos, com outros ainda que podiam reunir-se-lhes e onde o amor e a vaidade teriam tambem o seu papel, como foi que o visconde de Almeida Garrett me expirou nos braços, depois de me ter tido, *quasi sempre só*, por companhia em seus ultimos dias?...

Foram diversas as circunstancias que contribuiram para similhante abandono. Vou tentar referil-as, todas, para justificação dos amigos ausentes, dos que eram capazes de prestar serviços por amizade, por humanidade, e por ostentação, visto que de todos havia entre as relações do poeta.

Garrett vivia só; a sua ex.^{ma} filha havia entrado para o convento das Salesias, a fim de completar alli a sua educação. A familia do poeta, ou antes a familia que o acompanhava, compunha-se pois unicamente dos seus criados e de uma criada. Entre estes, infelizmente, não havia nenhum dos zelosos e hoje raros servidores que envelhecem no meio das familias, e adquirem pelo tempo, pela fidelidade provada, pelo affecto e apêgo á casa onde vivem, o direito de ser tratados como parentes, e que durante a sua longa carreira serviram de criados, de confidentes, de conselheiros, e ás vezes de censores, mas que são sempre amigos, e se julgam felizes com a felicidade dos amos. Faltava-lhe uma mulher ou um homem d'esta tempera, que lhe conhecesse os gostos, os habitos, as fraquezas, e lhe enchesse de algum modo, o grande vazio que existe em torno do homem que sente profundamente, quando lhe falta o affecto de uma estremosa mãe, ou o amor da esposa.

Os seus criados, recrutados ao acaso, pouco tempo lhe duravam. O amo era meticuloso e impertinente com o serviço, e muitas vezes as fórmas elegantes e litterarias de que elle vestia a reprehensão não podiam modificar a violencia d'esta. O mais rude lapuz, no fim de oito dias de casa, era um inimigo. E não se julgue que isto fosse devido unicamente ao caracter de Garrett; era unicamente o acaso que o servia sempre mal.

Já se vê, pois, que elle nada tinha a esperar por este lado. Vejâmos pelos outros.

A familia de Garrett é ainda numerosa, e foi sempre muito unida. Mas desgraçadamente só o poeta vivia em Lisboa. Os seus mais proximos parentes [1] residem no Porto, e não acreditavam que a doença fosse mortal. Eu preveni-os, comtudo, a tempo, auctorisando-me com as positivas declarações dos medicos; mas nem estes são infalliveis, nem seria talvez conveniente a vinda repentina, sem chamamento do moribundo, de qualquer pessoa da familia de seu ex.^{mo} irmão. Se o doente conhecia bem o seu estado e não chamava ninguem, devia respeitar-se o motivo que para isso tinha; se julgava a morte ainda longe, poderia atemorisal-o qualquer apparição inesperada dos seus parentes.

A morte do poeta deixava uma menina orphã, herdeira do seu nome e dos seus escriptos. Se não por amor do pae, ao menos por zelo dos interesses da filha, deviam os parentes d'esta, que os tinha, e muito chegados, instalar-se em casa d'elle. Tinham para isso direitos incontestaveis, e os seus serviços seriam bem acceitos pelo doente, que os não pediu talvez pelo despeito de lh'os não terem offerecido... Recusaram-se, ainda mesmo instados por mim.

Resta-me fallar dos amigos. Creio que elles não faltavam a Garrett, e que alguns fariam quantos sacrificios se lhes exigissem para allivio do poeta; mas quasi nenhum d'elles podia suppor que o immortal cantor de Camões expirava tão desacompanhado.

Os que o não ignoravam, offereceram-se, mas não foram acceitos. Ou por ceremonia, ou porque realmente o poeta entendesse que eu lhe bastava, tendo sempre a postos as irmãs da caridade, é certo que não queria mais ninguem ao pé de si. Gonçalves era uma excepção que eu tinha quasi imposto.

Das pessoas que iam pessoalmente informar-se do estado do doente, a maior parte não passava da porta da rua. As que entravam, raras vezes penetravam até ao quarto da cama, e nos ultimos dias pediu-me o poeta que não deixasse entrar ninguem. A presença até dos mais familiares parecia incommodal-o.

Por tudo isto se póde ver que o facto de ser eu só que me achei constantemente á sua cabeceira, foi devido ao acaso que lá me levou, e depois á propria vontade do enfermo.

[1] *Cantos Matutinos*, pag. 347.

[1] O ex.^{mo} sr. Alexandre José da Silva de Almeida Garrett e seus filhos, irmão e sobrinhos do visconde.

Porém a honra que elle me fez em escolher-me para o acompanhar, não proviria tambem da falta de se offerecerem antes de mim outros que tivessem maiores direitos? E sería regeitada a companhia do parente ou parenta que apparecesse? Não sería a dor do esquecimento ingrato em que ao principio se viu, quem decidiria a sua escolha a meu favor?.......

....

....

....

A copa seguia-se a cozinha, onde se tinha aberto um alçapão, e posto uma escada para os quartos inferiores.

A cozinha é espaçosa; tem duas janellas para o pateo, uma porta para a copa, e outra para o corredor particular do quarto de cama. Em frente da porta principal, que é a da copa, fica a chaminé, que tem todas as proporções para se montar uma grande bateria, ou dois fogões de mediana grandeza. Os vãos da parede que havia na cozinha estavam tomados por guardas loiças volantes.

O pavimento superior da casa tem varios quartos, onde habitava então a filha do poeta, e a criada; e onde estava ainda alguma mobilia e muitos objectos que esperavam collocação. Quando Garrett vinha a Lisboa, antes de adoecer, costumava dormir em um dos quartos superiores, que são verdadeiros fornos no verão, com o pretexto de poupar o andar nobre que se estava preparando.

Um d'estes quartos destinava-se para mim, quando se désse comêço aos trabalhos da *Historia Contemporanea de Portugal*, que principiava pela *Historia da Emigração*. Bello plano, principiado havia muitos annos, já com muitos capitulos que só careciam de coordenação e ultima revisão, e que desappareceram não sei como! [1]

Debatemos muita vez o titulo que devia ter esta obra; e nos penultimos mezes da vida de Garrett, em Belem, o combinámos, e dispozemos toda a distribuição que devia haver no trabalho. O grande poeta associára-me ao seu pensamento e aos seus projectos; fez-me entrar no fundo da sua empreza com o modesto capital do seu auxilio. Eu devia fazer as buscas dos documentos, intercalar estes no texto, pôr por ordem as materias, seguindo o plano geral adoptado, escrever as notas que me foram indicadas, e receber um terço do producto. Garrett escrevia a *Historia*, reunindo-lhe a parte do meu trabalho, e egualaria o estilo. A fórma escolhida era a de um livro que lhe merecia a maior e mais sincera admiração, que se póde prestar a uma obra humana; era a *Histoire de la Restauration*, de mr. de Lamartine. Digno modêlo e digno imitador, se chegasse a realisar-se o seu bello projecto!

Quatro dias de cada semana seriam de trabalho effectivo; o quinto destinava-se a pôr em ordem o que estivesse feito, rever e egualar o estilo; ao sabbado coordenar os materiaes para segunda feira, discutir e assentar as divisões de cada periodo historico, e *cavaco* de descanço.

Dividia-se a obra em seis ou oito volumes. Quando se começasse a escrever o segundo, entraria o primeiro no prelo.

Eu teria um quarto em casa de Garrett, onde comeria e dormiria, se me conviesse; nenhum de nós teria a menor dependencia do outro, podendo cada um entrar ou sair ás horas que lhe parecesse. Trabalhariamos juntos ou separados, com tanto que na sexta feira pela manhã nos reuniriamos infallivelmente até sabbado á noite.

Taes eram as bases sobre que assentava aquelle magnifico projecto, que tão gloriosos resultados devia produzir para as letras, e para a historia politica do paiz! Eu ensoberbecia-me de poder pôr a minha humilde pessoa ao serviço do homem illustre, que pretendia associar-me aos seus trabalhos. A honra de cooperar para tamanho monumento parece que me dava realmente mais valor, porque me não intimidavam as difficuldades. A perspectiva do trabalho fazia-me pular de alegria. Eu tinha vinte e sete annos, saude, horror ao ocio, fé, esperança no futuro, confiança no mestre que me guiava; sentia-me com audacia de collaborar na sua obra; eu sería a força, e elle a intelligencia: eu acarretaria os materiaes para cima dos andaimes, e elle levantaria o edificio.

No meio d'estes sonhos magnificos, quando eu andava mais enthusiasmado á procura de documentos e livros que nos podessem servir de auxilio, recebo a noticia da doença. Corro a sua casa, acompanhado de um medico, e este prophetisa-me que a carreira gloriosa do immortal poeta ia concluir-se em breve!...

(Continúa) F. G. DE AMORIM

[1] Em outra parte d'este livro se diz mais alguma coisa a este respeito.

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

Ao nosso assignante que nos pergunta — se é correcto o uso de alguns escriptores contenporaneos supprimirem a preposição *por* antes do relativo *que*, respondemos:

Que embora a grammatica geral não auctorise tal suppressão, está auctorisada pelos nossos melhores classicos, e faz parte dos lusitanismos que dão energica brevidade á nossa lingua, desatravancando-a de certas particulas que outros idiomas não podem omittir sem obscuridade. Podemol-o nós fazer sem faltar á clareza, como por exemplo, no caso da duvida que propõe o nosso assignante, dizer Fernão Mendes Pinto, c. 62: «Tambem contaram a maneira *que* se perdêra o junco.» Se dissesse *por que*, ou *pela qual*, conforme as regras da grammatica, não ficava por isso a oração mais clara, ficava pelo contrario mais longa e menos energica.

D'estas e muitas outras peculiaridades tem a nossa lingua, cuja indole se não póde conhecer pelas grammaticas, mas unicamente pela attenta leitura dos nossos classicos.

Por esta occasião declarâmos aos nossos assignantes, que de boamente resolveremos qualquer duvida de similhante especie que nos propozerem, e nós soubermos desatar.

ENIGMA



Explicação da charada do n. 26 — Varatojo

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampaio.